

MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosana Maria de Jesus¹
Natália Nunes Scoralick Lempke²

RESUMO

As emoções podem ser expressas de inúmeras formas, dentre elas através do desenho e das brincadeiras. Na educação infantil, os desenhos e as brincadeiras devem ser estimulados através de diversas metodologias, as quais os educadores utilizam em sala de aula para favorecer a interação social. As emoções possuem forte influência no processo de aprendizagem e a sua compreensão no contexto educacional é muito relevante, considerando que, atualmente, a educação concebe o ser humano em sua forma integral e que o estado emocional pode interferir no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, este estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão dos educadores quanto à emoção e suas formas de expressão na educação infantil, levando-os a perceberem o quanto a ludicidade e o desenvolvimento emocional favorecem a aprendizagem, considerando que o desenho é uma das primeiras formas que as crianças utilizam para se expressarem.

Palavras-chave: Brincadeiras. Criança. Desenho. Emoções. Educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

As emoções constituem um aspecto fundamental do desenvolvimento humano. A literatura científica tem demonstrado o quanto os desenhos e as brincadeiras, na primeira fase de escolarização, são de suma importância para que as crianças possam se expressar emocionalmente, considerando que elas apresentam grande dificuldade de expressar verbalmente seus sentimentos. Assim, é fundamental compreender modos alternativos de sua manifestação, e as brincadeiras, juntamente com os desenhos, podem ser de grande importância para a observação dos docentes.

Os desenhos se apresentam como uma possibilidade de manifestação do inconsciente ou, ainda, das emoções que a criança não consegue expressar através de palavras. Isto torna relevante a estimulação do desenho no ambiente educacional e social, pois a criança utiliza do desenho para criar sua auto-imagem e a realidade em que vive, como destaca Derdyk (1994), citado por Santana (2010, p. 53)

Desenhar é atividade lúdica, reunindo, como em todo jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo o ato de brincar reúne esses dois aspectos que sadiamente se correspondem. A operacionalidade envolve o funcionamento físico, temporal, espacial, material, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, o imaginar situações. Ao desenhar, o espaço do papel se altera.

A arte, no ambiente educacional, não tem a função de formar artistas; é um recurso didático que pode ser utilizado com a finalidade de auxiliar as crianças no

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Pará de Minas - e-mail: rosanamj1@hotmail.com.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Faculdade de Pará de Minas - e-mail: nataliascoralick@yahoo.com.br.

desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do desenvolvimento motor e psicológico, enfim, no desenvolvimento integral.

Dallabona (2004, p. 4) destaca, por sua vez, que as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo, pois através da ludicidade as crianças criam uma relação com os brinquedos, “*desenvolve a afetividade, a criatividade, a capacidade de raciocínio, a estruturação de situações, o entendimento do mundo*”. Além do caráter recreativo, as brincadeiras e jogos em suas infinitas variações favorecem o pensamento reflexivo de forma prazerosa e significativa.

Dessa forma, no ambiente educacional, é fundamental que os educadores possuam conhecimentos prévios das etapas de desenvolvimento emocional, de como as brincadeiras favorecem a aprendizagem e das etapas evolutivas do desenho e suas possíveis interpretações, o que lhes possibilitará uma melhor compreensão sobre os comportamentos apresentados pelas crianças. Destaca-se que o professor atua como mediador do conhecimento e possui papel relevante no desenvolvimento integral da criança. Cabe a ele, portanto, ter um olhar crítico e compreensivo sobre os comportamentos das crianças, questionando-as, pedindo explicações e comentários a respeito dos desenhos realizados e de suas atitudes durante as brincadeiras, levando-as a refletirem se agiram corretamente.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo descrever as manifestações emocionais das crianças a partir de atividades lúdicas e dos desenhos, e suas contribuições para otimizar o processo de ensino e aprendizagem; como o desenvolvimento emocional pode favorecer a aprendizagem e compreender a importância do papel do educador como mediador do conhecimento, dando ênfase no desenvolvimento do gosto pela arte.

No que se refere à metodologia, esta pesquisa se enquadra no foco bibliográfico. Para a aquisição de conhecimentos específicos em torno do foco da pesquisa foram levantados livros e artigos científicos de autores reconhecidos, que constituem fontes por excelência para a consulta desse processo. (GIL, 2002).

2 EMOÇÕES

As emoções desempenham um importante papel no desenvolvimento integral e social do ser humano, influenciando-o desde os primeiros momentos de vida. Ao desenvolver-se, a criança assimila e aprende a controlar suas emoções de acordo com as suas vivências, favorecendo, assim, os seus relacionamentos sociais.

Dentro da psicologia é possível encontrar inúmeras definições sobre emoção, sendo que alguns autores como Davidoff (1983), Constantino (2003), Wallon (1963 apud ALMEIDA, 1999), entre outros, apresentam teorias comuns, nas quais relacionam a emoção à fatores externos ao indivíduo, os quais provocam determinada resposta.

Em consonância, Atkinson et al. (2002, p. 411) definem-na “*uma condição complexa que surge em resposta a determinadas experiências de caráter afetivo*”. Para Bock et al. (2008, p. 167), as manifestações emocionais referem-se a uma linguagem interna e própria do indivíduo, que expressa suas respostas às situações externas por meio de reações intensas e rápidas. Almeida (1999, p. 12) afirma que “*a emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ente completo*”, sendo as relações sociais extremamente importantes para o desenvolvimento do indivíduo.

Murray (1967, p. 80), por sua vez, define emoção como “*poderosas reações que exercem efeitos motivadores sobre o comportamento. As emoções são reações fisiológicas e psicológicas que influem na percepção, aprendizagem e desempenho.*” Constantino (2003, p. 30) acrescenta que as crianças reproduzem na escola suas experiências emocionais; sendo assim, é fundamental que os educadores conheçam as características individuais dos seus alunos para que possa auxiliá-los a superar as dificuldades apresentadas na vida social e familiar, favorecendo, assim, o processo de ensino/aprendizagem.

O autor afirma, ainda, que, por meio da emoção, a criança constrói a imagem de si mesma e do mundo, formando, assim, a sua concepção da realidade. Ressalta também que os aspectos afetivos e intelectuais desenvolvem-se simultaneamente, contribuindo para a socialização da criança, sendo que as emoções devem ser “*consideradas como indispensáveis à compreensão das relações sociais, uma vez que a emoção provoca reações recíprocas ou semelhantes nos outros, resultando em trocas afetivas direcionadas da cognição.*” (CONSTANTINO, 2003, p. 35).

2.1 O desenvolvimento emocional da criança

Quando se observa bebês recém-nascidos, é possível perceber alguns sinais de emoções programadas biologicamente, como nojo, interesse, angústia e satisfação. Dos dois aos sete meses, percebe-se a manifestação de novas emoções básicas: tristeza, raiva, alegria, surpresa e medo. “*Essas emoções são percebidas em todos os bebês saudáveis da mesma idade e em diversas culturas.*” (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 482). Inicialmente, elas são despertadas através de estímulos inatos, devido às necessidades vitais do indivíduo; posteriormente, as crianças vão aprendendo a manifestar outras emoções, a partir das experiências sociais.

Para Shaffer e Kipp (2012, p. 482), “*por volta de dois anos surgem as emoções complexas (autoconscientes e avaliativas), como vergonha, culpa, inveja e orgulho.*” Elas são marcadas pela capacidade das crianças se reconhecerem nos espelhos ou em fotografias, ou seja, reconhecerem sua própria identidade e se diferirem do resto do mundo. As emoções autoconscientes exigem das crianças a compreensão das regras ou padrões sociais para avaliar suas atitudes, estando interligadas diretamente ao desenvolvimento cognitivo.

As emoções autoconscientes são necessárias ao desenvolvimento da criança por proporcionarem a elas um conceito de certo e errado, adquiridos por meio de suas relações sociais. As crianças tornam-se capazes de avaliar suas atitudes em boas ou más e de manifestar sentimentos de orgulho ou vergonha ao concluir ou não uma tarefa. De acordo com Papalia *et al.* (2010, p. 197), “*a autoconsciência é necessária para que a criança possa estar consciente de ser o foco da atenção, identificar-se com o que outras “identidades” estão sentindo, ou desejar o que outra pessoa tem.*” A partir da autoconsciência surgem as emoções auto-avaliadoras, por volta dos três anos de vida, às quais fornecem às crianças a capacidade de avaliar suas próprias emoções.

A partir dos cinco anos, as crianças dispõem de inúmeras emoções e ostentam certo controle emocional. Sendo importante ressaltar que, durante todo processo de desenvolvimento, é necessário que a criança receba estímulos necessários à sua etapa para que desenvolva as emoções socialmente desejáveis (Pikunas, 1979, p. 97). E essa estimulação ocorrerá por meio das relações sociais favoráveis que a criança vivencia.

Verifica-se, portanto, que o aspecto emocional evolui juntamente com a criança, sendo que as manifestações emocionais trazem características específicas da fase evolutiva em que ela se encontra. As emoções possuem forte influência no processo de aprendizagem e a sua compreensão no contexto educacional é muito relevante, considerando que por meio das emoções as crianças expõem aos educadores características da sua personalidade, suas dificuldades ou aptidões, as quais ainda estão em desenvolvimento.

3 A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PARA A EDUCAÇÃO – “DESENVOLVIMENTO INTEGRAL”

Como destacado anteriormente, o desenvolvimento emocional se inicia a partir dos primeiros contatos e relações afetivas que o bebê desenvolve com seus cuidadores. Por meio dessa afetividade, a criança inicia o processo de socialização, o que favorece a construção da sua visão do mundo e de si mesma, contribuindo para que o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e motor ocorra harmoniosamente. Destaca-se que, por meio das experiências físicas e emocionais, as crianças passam a se *“perceber melhor e a partir da interação que vai desenvolvendo com as pessoas, a dar asas a todo o seu potencial, ampliando sua visão de mundo e aprendendo a enxergar a si mesma como ser atuante”* (NUNES, 2009, p. 18).

Nunes (2009, p. 21) enfatiza o papel do educador, que através de suas metodologias, busca fortalecer a autoestima dos alunos; ele atua como facilitador do desenvolvimento emocional no processo de aprendizagem através da sua capacidade acolhedora, fornecendo aos alunos um ambiente propício ao bom desenvolvimento emocional. Para o autor, a relação afetiva entre professor e aluno torna-se um importante meio de potencializar a aprendizagem, por facilitar o surgimento do respeito e da confiança.

Nunes (2009, p. 40) ressalta, também, que o educador deve considerar os aspectos emocionais com a mesma relevância dos conceitos educacionais, tendo sempre em mente que o aspecto emocional é individual: cada criança apresenta um ritmo de vida, características e habilidades próprias, e que por trás *“das fases do desenvolvimento infantil está o temperamento de cada criança, o reflexo da dinâmica familiar da qual faz parte, o contexto no qual ela é criada no lar e suas expectativas e crenças diante do que lhe acontece e diante da vida”*.

Para Wallon (1979 apud MILAN; GARMS; LOPES, 2011, p. 4), o desenvolvimento intelectual ocorre através das relações sociais e afetivas que a criança vivencia, ou seja, é *“a integração das áreas cognitiva, afetiva, sensório-motora e social”* (Rau, 2012a, p. 102), sendo necessário que a família e educadores promovam situações em que as crianças tenham a oportunidade de se relacionar com diferentes pessoas e situações.

A LBEN nº 9394/1996, em seu art. 29, enfatiza que na educação infantil devem-se desenvolver os aspectos físico, psicológico, intelectual e social para favorecer o desenvolvimento integral. E o educador colabora eficazmente quando propõe uma rotina organizada, que promova momentos de interação social com os colegas, o ambiente e os objetos, auxiliando na construção dos limites, contribuindo no desenvolvimento integral e auxiliando a família na sua função de formar um cidadão.

O ambiente escolar possibilita à criança, além dos conteúdos pedagógicos, a possibilidade de evoluir pessoalmente através das vivências e relações sociais, o

que contribui para o desenvolvimento emocional sadio. Nunes (2009, p. 74) enfatiza que o *“importante é o ambiente saudável que a escola proporciona, o espaço potencial para o desenvolvimento da criança e o empenho de profissionais da educação em oferecer o melhor a seus alunos”*. Sendo assim, percebe-se que a escola é uma aliada da família para promover o desenvolvimento integral das crianças.

3.1 A empatia e sua influência na aprendizagem

O processo de aprendizagem é influenciado positivamente pela socialização das crianças. Ao observar crianças e adultos, nota-se que alguns possuem maior facilidade em fazer novas amizades, se relacionar, e são mais populares. Mas afinal, qual habilidade favorece essa facilidade de socialização?

Diversos autores concebem a empatia como a capacidade de se comunicar, gerando vínculos afetivos, favorecendo, assim, a qualidade dos relacionamentos, e trazendo inúmeros benefícios à vida do indivíduo, por facilitar as suas relações sociais e comunicativas. (FALCONE, 1998; FREY; HIRSCHSTEIN; GUZZO, 2000; STPHAN; FINLAY, 1999 apud MOTTA et al., 2006, p. 2).

A empatia é caracterizada pela habilidade de se relacionar, de se colocar no lugar das outras pessoas com a finalidade de compreender suas emoções, sentimentos e reações. Ela é desenvolvida através das relações afetivas e sociais dos bebês desde o nascimento, favorecendo o surgimento e a manifestação de diversas emoções.

A afetividade e as interações sociais auxiliam eficazmente o processo de ensino-aprendizagem, já que o fator social *“desempenha um duplo papel: primeiro, como processo contínuo e construtivo de socialização e, segundo, como fonte de transmissões educativas e lingüísticas das contribuições culturais e dos sentimentos morais”*. (PACHECO; SISTO, 2003, p. 2). Sendo assim, é possível perceber a contribuição da empatia no processo de ensino-aprendizagem e no bom relacionamento social das crianças.

Para Silva (2009, p. 9), existem duas condições que favorecem a aprendizagem: as condições externas, que se referem à vida cultural e social; e as condições internas, que são ligadas ao aspecto emocional do indivíduo. Percebe-se que, para a aprendizagem ocorrer de forma significativa, é necessário um entrelace entre as reações físicas do sujeito e suas emoções, impulsionadas pelas influências sociais que recebe.

Para que ocorra uma aprendizagem significativa, também é preciso que exista uma boa interação entre professor/aluno e entre os próprios alunos, sendo a empatia uma das bases dessa relação. Para Mahoney e Almeida (2005 apud MILAN; GARMS; LOPES, 2011, p. 5), *“no processo de aprendizagem é preciso haver respeito, saber ouvir e buscar compreender uns aos outros”*.

É possível perceber que a empatia é relevante no processo de socialização e aprendizagem da criança. Como a empatia é a capacidade de compreender as emoções e atitudes dos outros, torna-se instrumento indispensável no processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos necessitam agir empaticamente para que ocorra a aprendizagem significativa.

4 ALGUMAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DAS EMOÇÕES

É possível perceber que as pessoas manifestam suas emoções de diversas formas, que vão se refinando e evoluindo juntamente com o desenvolvimento. De acordo com Barros (2008, p. 145), a criança apresenta variações intensas e extremas em seu aspecto emocional, pois *“vai do choro ao riso com muita facilidade. Essa variação emocional é reduzida ao longo do desenvolvimento e a criança passa a ter maior controle emocional”*.

A família possui relevante papel na identificação emocional, contribuindo para que se desenvolva uma socialização adequada. Percebe-se que as crianças tímidas não recebem a atenção necessária e não são estimuladas adequadamente no ambiente educacional, já que não perturbam o desenvolvimento das aulas, enquanto que as crianças que apresentam o comportamento agressivo tendem a atrair maior atenção do educador devido à indisciplina. O comportamento agressivo e a timidez são características que podem comprometer o processo de aprendizagem, caso não sejam superadas. Devido à sua importância no ambiente educacional e por serem comportamentos extremos das crianças, serão destacados a seguir.

4.1 Agressividade

O desenvolvimento emocional sadio tem influência direta na personalidade, no temperamento e nas relações sociais desenvolvidas no decorrer de vida. Algumas crianças apresentam dificuldade em identificar e controlar suas emoções, sendo necessária a intervenção de um adulto, já que o temperamento afeta a socialização e o comportamento da criança, além de prejudicar a cognição (ROTHBART; AHADI; EVANS, 2000, citado por PAPALIA et al., 2010, p. 198).

Para Dollard et al. (1939, citado por ATKINSON et al., 2002, p. 428), a agressividade é vista como uma hipótese de frustração-agressão, a qual propõe que quando o indivíduo encontra um bloqueio, terá o impulso de destruí-lo. Winnicott (1999, citado por PIETRO; JAEGER, 2008, p. 5) ressalta que é difícil definir a origem da agressividade por ser resultado das situações externas que o indivíduo.

Segundo Freller (2001, p. 30), a agressividade é uma característica inata da personalidade do indivíduo, que faz parte da essência do ser humano. Lipp (2010, p. 116), por sua vez, ressalta que a agressividade é benéfica à vida, por ser uma fonte de energia quando bem direcionada e uma forma de aliviar as tensões. Forehand e Long (2003, citado por BARROS; SILVA, 2006, p. 3), destacam que *“crianças que apresentam um temperamento “forte” manifestam com mais intensidade sua agressividade”*.

A teoria da aprendizagem, mencionada por Atkinson et al. (2002, p. 431), apresenta dois conceitos para a agressividade: uma reação à frustração ou uma atitude que é influenciada pelo comportamento do indivíduo. Percebe-se, então, que a agressividade *“pode ser resultado da frustração, e a observação e imitação podem reforçar sua ocorrência, já que estudos mostram que crianças que participam de atividades agressivas tendem a manter ou aumentar seu comportamento agressivo”*. (ATKINSON et al., 2002, p. 433). Pesquisas realizadas mostram que as crianças que assistem programas e desenho que apresentam violência tendem a imitar tais atitudes e a agir com mais agressividade (NIMH, 1982, citado por PAPALIA; OLDS, 2010, p. 240), pois elas assimilam os valores que são inseridos naqueles programas e passam a considerá-los aceitáveis à sociedade.

De acordo com Mielnik (1982, citado por PIETRO; JAEGER, 2008, p. 6) a agressividade na infância é resultado das situações familiares e sociais que a criança vivencia. É necessário que os pais se aproximem emocionalmente da criança, apontem e reforcem suas habilidades, ensinando-lhe que a agressão não é um comportamento adequado à vida social. Pietro e Jaeger (2008, p. 6) ressaltam que *“há uma falha relevante da família ao cumprir seu papel de contenedora dos impulsos agressivos, sendo importante destacar que o temperamento se adapta às influências sociais e culturais que a criança recebe”*.

Tomkins (1963, citado por MELO, 2005, p. 55) também enfatiza o papel da família, por meio de suas atitudes, na identificação e controle das emoções infantis, pois os comportamentos familiares estimulam as experiências emocionais da criança através do reforço e das situações que promovem a socialização emocional. Chalita (2004, citado por PAULA; FARIA, 2010, p. 4) destaca, também, a relevância da família no desenvolvimento saudável da criança, pois é o suporte que necessita para se desenvolver adequadamente.

Para Del Prete e Del Prete (2003, citado por PAVARINO; DEL PRETE; DEL PRETE, 2005a, p. 2), a agressividade pode ser resultado do déficit de empatia do agressor, o que não lhe permite se sensibilizar com o sofrimento alheio, e *“os déficits de empatia são resultado de uma má socialização e educação, com valores culturais inadequados”*. (DEL PRETE; DEL PRETE, 2005, citado por PAVARINO; DEL PRETE; DEL PRETE, 2005a, p. 2).

Nunes (2009, p. 138) resalta que é preciso ficar atento às atitudes das crianças no decorrer das atividades lúdicas, pois elas demonstram involuntariamente suas características e habilidades. Sendo assim, convém aos pais e educadores observarem as crianças durante as brincadeiras, sendo preciso intervir para auxiliá-las no controle de suas emoções.

As atitudes agressivas das crianças favorecem o surgimento de problemas nos relacionamentos sociais e afetivos, na aprendizagem, entre outros, levando a criança a ser rejeitada no convívio social. Sendo assim, *“o desenvolvimento da empatia pode contribuir para o controle e a superação da agressividade, por proporcionar à criança momentos de trocas afetivas e sociais”*. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, citado por PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005b, p. 3).

O comportamento agressivo traz consequências negativas à vida das pessoas e pode influenciar consideravelmente a personalidade do indivíduo se não for superado. As crianças, ao interagirem e criarem os vínculos afetivos, desenvolvem suas habilidades sociáveis e tornam-se simpáticas e populares, o que favorece a elevação da autoestima, contribuindo, dessa forma, no processo de aprendizagem.

4.2 Timidez

Outro comportamento infantil que deve ser considerado no ambiente educacional e familiar é a timidez; porém, muitas vezes, é um comportamento equivocadamente ignorado. A timidez na infância pode ser compreendida como carência de uma vida social e afetiva adequada, dificuldade de superação e problemas relacionados à baixa autoestima, o que pode prejudicar a capacidade de interação social. (CASARES e CABALLO, 2004, citado por CALDAS, 2005). Por sua vez, Wallon (1985, citado por VIEIRA, 2010, p. 21) e Darwin (2009, citado por ESTEVES, 2012, p. 19) descrevem a timidez como uma sensação de medo das

opiniões alheias, um estado de espírito e baixa autoestima, e apresenta como resposta sensações de desconforto e vergonha.

Axia (2003, citado por ESTEVES, 2012, p. 14), por sua vez, expõe um conceito biológico da timidez, definindo-a como as *“sensações de desconforto, medo descontrolado, ansiedade, pensamentos negativos, até sofrimentos psíquicos graves, como ataques de pânico, caso não ocorra intervenção profissional adequada”*.

De acordo com Silva (2011, citado por ESTEVES, 2012, p. 13), a timidez pode bloquear o desenvolvimento do indivíduo nos diversos aspectos de sua personalidade. Para Papalia et al. (2010, p. 201), a timidez está vinculada à vida social da criança provocando sensações de insegurança ao se deparar com pessoas e situações desconhecidas, bloqueando assim a sua interação social.

Duas habilidades que favorecem consideravelmente no controle e na superação da agressividade e da timidez são a empatia e a autoestima, pois atuam como estimulante para as crianças no processo de socialização, tornando-as populares e carinhosas, conforme ressalta Falcone (2004, citado por CALDAS, 2005, p. 22). A empatia, como destacado anteriormente, refere-se à capacidade de compreender pensamentos e emoções alheias na vida pessoal e profissional.

A autoestima, segundo Palacios e Hidalgo (1995, citado por CALDAS, 2005, p. 22), é a *“dimensão avaliativa do autoconceito, ou seja, equivale ao conhecimento que a criança tem de si mesma e expressa mediante autodescrições, cuja natureza vai mudando ao longo do desenvolvimento”*. Ela leva a criança a se sentir motivada a participar de brincadeiras e relações sociais e se expressa de diferentes formas. Para Haltiwaner e Harter (1988, citado por PAPALIA; OLDS, 2010, p. 219), a atitudes e a presença dos pais no decorrer do desenvolvimento das crianças é um forte aliado na elevação da autoestima, pois atuam como referência no momento em que elas vão se avaliar, levando-as a valorizar os critérios apresentados por eles.

Diante dos conceitos mencionados, percebe-se que a agressividade é considerada um grande desafio, por ser um comportamento negativo e condenado pela sociedade, devendo ser contido para evitar o seu agravamento no decorrer da vida. A timidez, por sua vez, é considerada como uma característica da personalidade, que provoca retraimento social e dificulta a expressão de ideias e sentimentos. A autoestima elevada e a empatia favorecem o desenvolvimento das relações sociais, o que contribui para a superação da timidez e da agressividade. A família desempenha o relevante papel de auxiliar as crianças a superar seus medos, ansiedade e dificuldades. Cabe a ela observar as manifestações emocionais, os comportamentos e atitudes das crianças, verificando se está ocorrendo um desenvolvimento harmonioso das habilidades e a superação das dificuldades, intervindo sempre que necessário.

4.3 Brincadeiras e aprendizagem

As brincadeiras estão presentes na vida das crianças desde os primeiros meses e são para elas uma forma de linguagem, de se expressar e de viver. Wajskop (1995, p. 5) apresenta a definição do brincar numa concepção sociocultural, na qual as brincadeiras auxiliam a maneira das crianças *“interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas”*, por se tornar o vínculo entre a imaginação delas e a realidade dos adultos. Santos (1999, citado por DALLABONA, 2004, p. 4) apresenta diferentes aspectos do

brincar, enfatizando sua importância para o desenvolvimento infantil e para a inserção das crianças na sociedade:

- a) do ponto de vista filosófico, o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor à racionalidade. A emoção deverá estar junto na ação humana tanto quanto a razão;
- b) do ponto de vista sociológico, o brincar tem sido visto como a forma mais pura de inserção da criança na sociedade. Brincando, a criança vai assimilando crenças, costumes, leis e hábitos do meio em que vive;
- c) do ponto de vista psicológico, o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação de seu comportamento;
- d) do ponto de vista da criatividade, tanto o ato de brincar como o ato criativo estão centrados na busca do “eu”. É no brincar que se pode ser criativo, e é no criar que se brinca com as imagens e signos fazendo uso do próprio potencial;
- e) do ponto de vista pedagógico, o brincar tem-se revelado como uma estratégia poderosa para a criança aprender.

Marinho et al. (2012, p. 91) e Vygotsky (1991a, citado por SALGADO; PEREIRA; SOUZA, 2005, p. 8) destacam que as brincadeiras podem estimular diversas habilidades simultaneamente, de forma lúdica e prazerosa para as crianças, além de contribuir no controle da agressividade. Tais brincadeiras também proporcionam a aprendizagem, pois no decorrer da atividade a criança interage com o mundo a sua volta e se relaciona com diferentes pessoas e objetos.

Winnicott (1975, citado por SALGADO; PEREIRA; SOUZA, 2005, p. 8) enfatiza que através das brincadeiras, o educador é capaz de promover a aprendizagem significativa, sendo relevante que repense seus conceitos e metodologias de ensino, de forma a incluir as atividades lúdicas no processo de ensino. Em consonância, Rau (2012a) ressalta a relevância de se propor momentos lúdicos que incentivem as crianças a brincar por prazer, interagindo com o meio e as pessoas de forma a construir novos laços afetivos e fortalecer os existentes, superando as dificuldades, desenvolvendo novas habilidades e aprimorando as existentes.

As brincadeiras contribuem na formação de um sujeito crítico e construtivo, pois através da ludicidade a criança aprende a lidar com suas emoções, *“explora e descobre diferentes formas de expressão, utiliza linguagens significativas, participa de grupos, expõe e ouve ideias e, por fim, faz tudo isso em diferentes contextos que não apenas o da esfera escolar”*. (RAU, 2012a, p. 119). De acordo com Rau (2012), as brincadeiras promovem e estimulam as diversas formas de comunicação, o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, ao relacionar as emoções às situações do dia-a-dia. As brincadeiras tradicionais infantis, como o faz de conta, brincadeiras relacionadas ao folclore, amarelinha, entre outras, também desempenham a função de *“perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar (...)”*. Por pertencer à categoria de *“experiências transmitidas espontaneamente”*. (KISHIMOTO, 2011, p. 43).

Apesar disso, Vygotsky (2009, p. 17) destaca que a brincadeira para a criança não é somente uma lembrança, mas é a organização de emoções vivenciadas no decorrer da brincadeira e posteriormente organizadas. Percebe-se que por meio da brincadeira a criança reproduz a sua visão das situações que vivencia, aquilo que lhe é significativo.

Marinho et al. (2012, p. 90) destacam, ainda, que as brincadeiras atuam como um mecanismo de motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem por

oferecer às crianças inúmeras formas desenvolver suas habilidades, possibilitando reações emocionais que enriquecem a aprendizagem e a socialização, fornecendo às crianças momentos de relaxamento, com ações livres, desde que sigam as regras existentes, se houver. Através das brincadeiras as crianças aprendem a aceitar as regras da sociedade e as diferenças de pensamentos e atitudes, enfim aprendem a viver na sociedade.(CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2004, p. 40).

O uso de brinquedos ou playground durante as atividades recreativas são válidos, mas é preciso que as crianças os escolham livremente, já que o ato de brincar “*é uma atividade social e cultural, seu espaço deve ser construído pela criança. (...) O equipamento por si só não constrói o espaço do brincar, é a criança, com o auxílio de elementos fixos ou móveis, que deve construí-lo*”. (FRYBERG, 2000, citado por KISHIMOTO, 2001, p. 10).

Vygotsky (1984, citado DALLABONA, 2004, p. 6) enfatiza o papel das brincadeiras na formação cognitiva das crianças, pois no decorrer das brincadeiras as crianças expõem suas habilidade e dificuldades, se relaciona e desenvolve uma relação das emoções e suas vivencias. Negrine e Negrine (2010, p. 74) ressaltam que as brincadeiras não são simplesmente um componente curricular e pedagógico, mas é uma metodologia de ensino que torna a aprendizagem significativa para as crianças por se desenvolver de forma lúdica e prazerosa.

Segundo Kishimoto (2001, p. 14), “*o brincar requer envolvimento emocional, contato social, ações físicas, além de relações cognitivas na expressão e apreensão das regras da brincadeira*”. O ato de brincar leva a criança a desenvolver a sua afetividade e socialização, favorecendo a superação de comportamentos inadequados, contribuindo para a aprendizagem e o surgimento de novas habilidades.

Dessa forma, verifica-se que as brincadeiras possuem um relevante papel para o desenvolvimento psicossocial da criança, contribuindo e facilitando a aprendizagem e inserção na sociedade. Convém reiterar que o ato de brincar é uma necessidade básica da infância, que favorece o desenvolvimento de saudável das crianças, permite que elas manifestem suas emoções e adquiram novas habilidades.

4.4 Crianças, desenhos e emoções

É possível perceber, por meio da literatura científica, que a concepção de infância e educação infantil da atualidade é resultado de diversas mudanças ocorridas ao longo dos anos, advinda do surgimento de leis e decretos que regularizam o ensino e cuidados necessários às crianças.

Conforme destaca o artigo 29 da LDBEN/1996, a educação infantil:

tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (CARNEIRO, 2012).

Uma mudança significativa neste contexto é o ensino da arte. Ele surge como “*componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*” (LDB 9.394/96, art. 26, parágrafo 2) (CARNEIRO, 2012), além de ser um facilitador da comunicação e expressão das emoções, ampliando a sensibilidade, percepção e imaginação das crianças, de forma que elas desenvolvam “*a criatividade, apresente uma postura de pesquisa, demonstre senso crítico e faça a atualização de informações visuais com seu próprio trabalho*”. (MORENO, 2007, apud CHAGAS, 2009, p. 20).

No ensino da arte, cabe ao educador ser criativo, buscar capacitação e fornecer às crianças aulas diversificadas e acesso a diversos estilos de arte, para que elas aprendam a gostar e desenvolvam seu próprio estilo, se tornem mais criativas e comunicativas, conforme destacam Dalben et al. (2010, p. 181):

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que a professora tenha também uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

No ambiente escolar, é relevante que o educador desenvolva com seus alunos desenhos livres ou direcionados, possibilitando às crianças a liberdade de se expressarem livremente, já que o desenho interliga os pensamentos inconscientes à realidade. É importante considerar, também, a escolha dos materiais, ofertando aos alunos diversos tipos como tinta, variados lápis e cores, papéis com diversas espessuras e tamanhos, entre outros, pois *“a interpretação dos desenhos das crianças é o resultado ou a síntese da análise. Tanto a análise como a interpretação têm pontos em comum, como: a orientação espacial, a pressão dada ao lápis, o uso das cores”*. (BÉRDARD, 2010, p. 07).

Meredieu (1974, p. 18) afirma que *“a interpretação de um desenho – isolado do contexto em que foi elaborado e da série dos outros desenhos entre os quais se inscreve – é, portanto, nula”*, ou seja, a análise de desenhos é um processo longo, no qual serão avaliados diversos desenhos, organização do espaço utilizado nas brincadeiras, entre outros. Dessa forma, não se deve escolher um desenho aleatoriamente para analisá-lo sem conhecer o autor e suas características individuais e, principalmente, o contexto em que foi elaborado.

Para Lavelberg (1995, citado por GOBBI, 1999, p. 4) *“a construção do desenho infantil é ao mesmo tempo biológica e cultural”*, pois a criança desenha para expressar aquilo que vivencia em suas relações sociais, em seu meio cultural, e também para registrar suas necessidades biológicas.

De acordo com Bérard (2010, p. 80) *“o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente”*. Sendo assim, a criança deve ser estimulada a desenhar sem pressões ou cobranças, pois o autor citado acima afirma que *“o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não sua perfeição”* (BÉRDAD, 2010, p. 80). Ao deixar que a criança explore sua imaginação ela irá expressar através dos desenhos o que ela realmente sente, vivencia e pensa, tornando-se um meio de comunicação entre o inconsciente e o consciente.

Moreira (2010, p. 20) acrescenta, ainda, que *“o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala”* que deve ser estimulado, pois é a forma que a criança encontra para expressar suas tristezas, medos, descobertas, alegrias, entre outros sentimentos que ela muitas vezes não consegue definir ou falar. Então, podemos afirmar que a criação de um desenho é um processo onde estão reunidos os pensamentos e sentimentos da criança. Assim, através dessa comunicação silenciosa, a criança expressa a si mesma, cria a sua autoimagem e a realidade em que vive, pode-se perceber que *“no ato de desenhar pensamento e sentimentos estão juntos”*, conforme aponta Moreira (2010, p. 24).

Em consonância Wallon (1941, apud FONTES, 2005, p. 15) afirma que o desenho

é uma forma de expressão, é revelador de pensamentos, porque também é uma forma de linguagem. Pelo desenho a criança demonstra o conhecimento conceitual que tem da realidade e quais os aspectos mais significativos de sua experiência. Juntamente com o brincar, o desenho é a forma de expressão privilegiada pela criança.

Iniciando por volta dos 18 meses de idade, as crianças realizam seus primeiros traços, que se apresentam como rabiscos, sem forma específica, simplesmente com objetivo de marcar o ambiente, conforme ressalta Wallon (1950, apud MEREDIEU, 1974). Após diversas etapas evolutivas concomitante ao desenvolvimento físico e emocional da criança, o grafismo torna-se uma forma de expressar o que a criança não conseguiu transmitir através da fala ou da escrita, como enfatiza Moreira (2010, p. 107):

Ao se olhar um trabalho, repara-se primeiramente na sua beleza, no seu aspecto. Ao estudá-lo vai-se descobrindo os seus segredos, os seus mistérios, e não só do desenho como também do autor, pois em cada desenho, junto com as linhas e traços, que às vezes para nós são insignificantes por falta de “brilho”, vem retratando um pouco da vida de quem o fez.

Dessa forma, através dos desenhos identificamos características emocionais e específicas das crianças. Nunes (2009, p. 50) enfatiza que as crianças retratam em seus desenhos o reflexo da sua vida familiar e social, *“sob uma perspectiva só dela e que para nós podem parecer banais”*. Reitera-se que, ao analisá-los, é necessário um estudo extremamente cuidadoso, não se deve analisar um desenho aleatoriamente, sem conhecer características do seu autor. *“Normalmente, a análise de um desenho é um processo longo, no qual serão avaliados diversos aspectos, relações familiar e social, a organização do espaço utilizado nas brincadeiras, entre outros”*, conforme destaca Spadoni (1996, citado por GOBBI, 1999, p. 1).

Para Bédard (2010, p. 27), *“a criança que registra em seus desenhos temas repetidos pode estar indicando o que lhe proporciona felicidade ou a incomoda”*. Da mesma forma, a presença de diferentes temas abordados nos desenhos indica uma forma discreta de expor suas emoções ou aflições, podendo dificultar a análise, sendo preciso buscar uma relação entre os temas abordados.

Wechsler e Nakano (2012, p. 98) concebem os desenhos *“como o produto de um complexo processo cognitivo e deste modo a análise desse produto permite também avaliar por extensão o processo que o criou”*. Sendo assim, os desenhos permitem verificar a evolução mental das crianças.

A arte é utilizada desde a antiguidade como forma de expressar as emoções e vivências das civilizações. Após ser inserida no contexto escolar como recurso pedagógico, percebe-se sua contribuição ao desenvolvimento infantil, favorecendo o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional. O educador desempenha o papel de orientador e mediador do conhecimento, sendo preciso uma formação contínua para estar preparado para desenvolver aulas atrativas e dinâmicas, de forma a explorar todos os recursos e benefícios que a arte proporciona às crianças. É preciso que o educador ofereça aos alunos um ambiente acolhedor, no qual se sintam seguros e à vontade para desenhar. Cabe também ao professor estar atento às sutis manifestações das emoções através dos desenhos, buscando informações e esclarecimentos com os alunos sobre a relação do desenho com a realidade para tentar compreender o que a criança busca expressar, mas sem influenciar ou julgar

seus desenhos e comentários, para ser possível uma orientação adequada às necessidades da criança.

Vale reiterar que o desenho surge como uma relevante forma de comunicação para as crianças que não conseguem se expressar plenamente através das palavras, pois *“no ato de desenhar, pensamento e sentimentos estão juntos”*. (MOREIRA, 2010, p. 24), além de contribuir para o desenvolvimento de várias outras capacidades infantis, como a afetividade, imaginação, memória e a criatividade. Por meio do desenho a criança expressa seus pensamentos inconscientes, medos, angústias, alegrias, o que contribui eficazmente para o desenvolvimento da aprendizagem, pois, atualmente, a educação concebe o ser humano em sua forma integral e, considerando que o processo de ensino-aprendizagem é fortemente influenciado pelo estado emocional, torna relevante sua compreensão no âmbito escolar.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo pôde-se verificar que o aspecto emocional evolui juntamente com outros aspectos desenvolvimentais. As emoções apresentam forte influência no processo de aprendizagem por expressar as características da personalidade das crianças, suas habilidades e dificuldades. O ambiente escolar e a família contribuem eficazmente para o desenvolvimento integral ao proporcionar às crianças a interação social por meio das inúmeras atividades que favorecem, além do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento emocional.

Duas emoções que merecem destaque no ambiente escolar são a agressividade e a timidez. A primeira dificulta o processo de socialização e a aprendizagem, e a segunda prejudica a expressão de ideais e emoções. Ambas podem ser danosas ao desenvolvimento infantil por atrapalhar a criação de laços afetivos e, em algumas situações, é necessária a intervenção de especialista para auxiliar na superação delas.

A empatia, que se refere a uma habilidade relacionada ao processo de socialização e aprendizagem, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Cabe à família e a escola promoverem atividades e situações sociais que favoreçam o surgimento da empatia e a elevação da autoestima, pois elas contribuem eficazmente para a superação da timidez e o controle da agressividade.

De forma especial, as brincadeiras contribuem para a manifestação emocional, por facilitarem a aprendizagem e a inserção da criança na sociedade. Vale lembrar que brincar é uma necessidade básica da criança e que cabe à família e aos educadores promoverem situações lúdicas que favoreçam o seu desenvolvimento. De forma especial, os desenhos podem ser utilizados como recurso pedagógico e lúdico, favorecendo o desenvolvimento, especialmente o aspecto emocional.

Especificamente, o desenho é uma importante forma de manifestação das emoções das crianças, pois elas utilizam dos grafismos para revelar o que não conseguiram expressar por meio da fala ou da escrita. O educador deve estar atento a essas delicadas manifestações, observando os desenhos e questionando as crianças sobre a relação existente entre a realidade e o grafismo, mas nunca influenciando ou avaliando o desenho em certo ou errado. É preciso que o educador, como mediador do conhecimento, proporcione um ambiente que favoreça e desperte a confiança das crianças, contribuindo para que ocorra aprendizagem significativa e que elas sintam-se à vontade para desenhar. Vale ressaltar que o desenho contribui

para o desenvolvimento de diversas habilidades, incluindo o desenvolvimento emocional, o que leva a perceber a sua relevância no processo de aprendizagem.

Ao finalizar essa pesquisa foi possível perceber a relevância da arte e das brincadeiras como forma de manifestação das emoções infantis e a influencia do aspecto emocional no processo de ensino aprendizagem. Vale ressaltar, também, que os conceitos apresentados possibilitarão aos educadores infantis uma visão diferente dos alunos, compreendendo-os em sua totalidade, repensando assim, suas metodologias e formas de avaliação, tendo como objetivo o desenvolvimento integral do aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1999. Disponível em:
<<http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=FMBSnxYF8Q8C&oi=fnd&pg=PA11&dq=MARINO+JUNIOR,+R.+Fisiologia+das+emo%C3%A7%C3%B5es:+introdu%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+neurologia+do&ots=hyHOy0HH58&sig=E34yZPD5TCIN DyE1D9tPMKVcruo#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

ATKINSON, Rita L. et al. **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2008.

BARROS, Patrícia; SILVA, Barbirato Nascimento. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, 2006.

BÉRDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. São Paulo: Isis.2010.

BOCK et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CALDAS, Cláudia de Francesco de Angelo. **Auto-estima e timidez infantil: uma visão comportamental**. Brasília, 2005.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAGAS, Cristiane Santana. **Arte e educação: a contribuição da arte para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental**. Londrina, 2009.

CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte et al. **Um olhar da psicologia sobre a educação: diagnóstico e intervenção na infância e na adolescência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2004.

DALBEN, Ângela et al. **Coleção didática e prática de ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DALLABONA, Sandra Regina. **O lúdico na educação infantil**: Jogar, brincar, uma forma de educar. Santa Catarina, 2004.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1983.

ESTEVES, Ana Letícia. **A timidez na perspectiva da psicologia analítica**. São Paulo, 2012.

FONTES, Rejane de S. A Escuta Pedagógica à Criança hospitalizada: Discutindo o Papel da Educação no Hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Niterói, 2005.

FRELLER, Cintia Copit. **Histórias de indisciplina escolar**. O trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOBBI, Márcia. **Lápis vermelho é de mulherzinha**: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. Campinas: Pro-Posições, 1999. v. 10.

JARDIM, Cláudia Santos. **Brincar**: um campo de subjetivação na infância. São Paulo: Annablume, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis**. São Paulo, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Escolarização e brincadeiras na educação infantil**. São Paulo, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **Stress e o turbilhão de raiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste et al. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: InterSaber, 2012.

MELO, Ana Isabel Martins Teixeira de. **Emoções no período escolar**: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança. [S.l.]: [s.n.], 2005.

MEREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MILAN, Simone Galiani; GARMS, Gilza Maria Zauhy; LOPES, Carolina da Silva. **A afetividade na educação infantil**: um elo indispensável à teoria walloniana.

Curitiba, 2011.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador.

14. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MOTTA, Danielle da Cunha, et al. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2006.

MURRAY, Edward I. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

NEGRINE, Airton da Silva; NEGRINE, Cristiane Soster. **Educação infantil**:

pensando, refletindo, propondo. Caxias do Sul: Educs, 2010.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PACHECO, Lílian; SISTO, Fermino Fernandes. Aprendizagem por interação e traços de personalidade. **Psicologia Escolar e educacional**, 2003.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAPALIA, et al. **Desenvolvimento humano**. 10. ed. Porto Alegre, 2010.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na Aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, 2010.

PAVARINO, Michele Girade; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**, São Carlos, 2005a.

PAVARINO, Michele Girade; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, Porto Alegre, 2005b.

PIETRO, Patrícia Pereira; JAEGGER, Fernanda Pires. **Agressividade na infância**: análise psicanalítica. Joaçaba: Visão Global, 2008.

PIKUNAS, Justin. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 1979.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A ludicidade na educação**: uma atitude pedagógica [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012a.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **Educação infantil**: práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012b.

RODRIGUES, Sílvia Adriana. **Expressividade e emoções na primeira infância**: um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva Walloniana. Presidente Prudente, 2008.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. **Pela tela, pela janela**: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. Campinas, 2005.

SANTANA, José Jorge Santos. **Você sabe desenhar?**: O desenho da criança e a relação com o desenvolvimento cognitivo; uma experiência na Escola Estadual Governador Roberto Santos. Salvador: GeneratedbyFoxit, 2010.

SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, Flávia Rose Vieira da. **A importância da afetividade na relação professor/aluno**. Rio de Janeiro, 2009.

VIEIRA, Mariana Batista. **Timidez e exclusão-inclusão escolar**: um estudo sobre identidade. São Paulo, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovich). **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil**. São Paulo, 1995.

WECHSLER, Solange Muglia; NAKANO, Tatiana de Cassia. **O desenho infantil forma de expressão cognitiva, criativa e emocional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.